



David Le Breton

A sociologia do corpo

Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Le Breton, David, 1953-

A sociologia do corpo / David Le Breton ; 2. ed.
tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis,
RJ : Vozes, 2007.

ISBN 978-85-326-3327-9

Título original : La sociologie du corps
Bibliografia.

1. Corpo humano – Aspectos sociais I. Título.

06-2611

CDD-306.4

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--|-------|
| 1. Corpo : Aspectos sociais : Sociologia | 306.4 |
| 2. Sociologia do corpo | 306.4 |

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

importante

é doente nem é saudável, nem morto, nem completamente vivo, nem fora da sociedade, nem dentro dela, etc.⁶⁸ Sua humanidade não é posta em questão e, no entanto, ele transgride a idéia habitual de humano. A ambivalência que a sociedade mantém a seu respeito é uma espécie de réplica à ambigüidade da situação, a seu caráter durável e intocável.



Capítulo VI

Campos de pesquisas 3: O corpo no espelho do social

O corpo também é, preso no espelho do social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita. Nesse contexto o corpo é só um analisador privilegiado para evidenciar os traços sociais cuja elucidação é prioridade aos olhos do sociólogo, por exemplo, quando se trata de compreender os fenômenos sociais contemporâneos.

I - As aparências

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença. O primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. Elas são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos de moda. Por outro lado, o segundo constituinte diz respeito ao aspecto físico do ator sobre o qual dispõe de pequena margem de manobra: altura, peso, qualidades estéticas, etc. São esses os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria moral ou social particular. Essa prática da aparência, na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em engajamento social, em meio deliberado de difusão de informação sobre si, como atualmente ilustra a importância tomada pelo look no aliciamento, na publicidade ou no exercício meticoloso do controle sobre si que as agências de comunicação tentam promover para uso dos homens públicos, principalmente os políticos. Assim, M. Pagès-Delon faz das aparências corporais uma espécie de "capital" para os atores so-

IMPORTANTE

68 • Robert Murphy. *Vivre à corps perdu*. Paris: Plon, 1987 (trad. fr.).

ciais. "Capital-aparência"⁶⁹ cujas fontes devem ser gerenciadas da melhor maneira possível para que o melhor rendimento possa ser alcançado ou simplesmente para que não se prejudique por demasiada negligência.

A apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral. Um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência. Imediatamente faz de qualquer um que possua hábito, monge incontestável. A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça.

Um mercado em pleno crescimento renova permanentemente as marcas que visam a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da "comunicação". Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer a "morada" na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo.

Lugar privilegiado do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude (frequência nas academias, ginástica, *body building*, cosméticos, dietética, etc.), o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de tema proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas.

⁶⁹ • Michèle Pagès-Delon. *Le corp set ses apparences - L'envers du look*. Paris: L'Harmattan, 1989. Cf. igualmente André Rauch. *Parer, paraître, apparaître - Histoire de la présence corporelle*. *Ethnologie française*, XIX, 2, 1989.

II - Controle político da corporeidade

A questão do poder e principalmente da ação do político sobre a corporeidade, objetivando o controle do comportamento do ator, é um dado central da reflexão das ciências sociais nos anos 1970. A lei Neuwirth em 1967, legitimando a contracepção, a lei Veil, liberando o aborto, para tomar exemplos na sociedade francesa, são os indicadores políticos da mudança nas mentalidades e nos costumes que vai se traduzir na revolta da juventude e o marco histórico de 1968, a liberdade sexual, o feminismo, o esquerdismo, a crítica ao esporte levada a efeito pela revista *Quel corps?*, etc. Várias são as abordagens críticas consagradas à corporeidade que, em sociologia ou em outras ciências, tomam a dimensão política como centro organizador da análise. Os trabalhos de Jean-Marie Brohm a esse respeito são exemplares, pois pretendem mostrar que "qualquer política é imposta pela violência, pela coerção e pela imposição sobre o corpo". Toda a ordem política vai de encontro à ordem corporal. A análise leva à crítica do sistema político identificado com o capitalismo que impõe a dominação moral e material sobre os usos sociais do corpo e favorece a alienação. J.-M. Brohm não se cansa de denunciar, na prática esportiva, o mesmo confinamento no sistema corporal que rejeita⁷⁰.

Essa perspectiva marxista faz do aparelho do Estado a instância suprema do poder de classe. A publicação em 1975 de *Vigiar e punir* de Michel Foucault introduz uma ruptura ao mesmo tempo epistemológica e política na orientação de análise anterior. M. Foucault constata que as sociedades ocidentais inscrevem seus membros nas malhas apertadas do feixe de relações que controla os movimentos. Funcionam como "sociedades disciplinares". Longe de encontrar seu centro de radiação na supremacia do aparelho ou instituição como o Estado, a disciplina molda um novo tipo de relação, um modo de exercício do poder, que atravessa as instituições de diversos tipos fazendo-as convergir para um sistema de obediência e de eficácia. M. Foucault desloca os pontos de referência de análise até então usados e chama a atenção para as modalidades eficazes e difusas do poder quando se exercem sobre o corpo, para

⁷⁰ • Jean-Marie Brohm. *Corps et politique*. Paris: Delarge, 1975. *Sociologie politique du sport*. Paris: Delarge, 1976. J.-M. Brohm é moderador da revista *Quel corps?*, dentre os quais um dos objetivos é pensar a corporeidade e suas ligações com o político. *Quel corps?* deixou de ser publicada em 1997, após a derradeira diretriz de J.-M. Brohm intitulada *Autodissolution*.

IMPORTANTÉ

Vigiar e punir - Importanté

IMPORANTE

IMPORTANTE

além das instâncias oficiais do Estado. O investimento político do corpo depende mais da forma de organização difusa que impõe sua marca sem que necessariamente seja elaborada e objeto de discurso. Ela constrói um dispositivo freqüentemente artesanal, mas que orienta as formas físicas requisitadas, favorece o controle do espaço e do tempo, produz no ator as marcas da obrigação de fidelidade que demonstram sua boa vontade. O campo político, que se empenha em organizar as modalidades corporais segundo as finalidades que lhe são próprias, evoca uma tecnologia meticulosa dos corpos, uma política do detalhe, muito mais que a tomada em mão sem mediação do Estado, meio de dominação das classes dominantes. A disciplina, estendendo difusamente sua atuação através do campo social, vem se substituir à noção de um controle social que se apóia unicamente nos aparelhos repressivos. As teses marxistas são bombardeadas. "Essa microfísica, escreve Foucault, supõe que o poder que aí é exercido não seja concebido como propriedade, mas como estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos à 'apropriação' mas às disposições, às manobras, às táticas, aos funcionamentos". O poder não é um privilégio que pode mudar de mãos como se fosse um instrumento, ele é um sistema de relação e imposição de normas. "É preciso, em suma, admitir que o poder é muito mais exercido que possuído, que ele não é 'privilégio' adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas"¹¹.

As conclusões de M. Foucault derrubam a perspectiva marxista. Nessa obra, onde o corpo é somente um revelador precioso, um pretexto a ser ressaltado na análise do poder nas sociedades modernas, M. Foucault aborda a prisão como "figura concentrada e austera de todas as disciplinas". No final do estudo meticuloso, M. Foucault demonstra que as disciplinas se instauram no decorrer do século XVII e do século XVIII como formas de dominação visando produzir a eficácia e a docilidade dos atores através do cuidado meticuloso da organização da corporeidade. Aumento da força de rendimento e entaves às possibilidades pessoais de oposição, coações leves e eficazes sobre os movimentos e extensões do corpo, tais são as orientações cujos efeitos conjugados dão às disciplinas um poder de ação e de controle.

11 • Michel Foucault. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975, p. 31.

A "anatomia política do detalhe", constitutiva desses dispositivos [de controle], é encontrada por M. Foucault não só na organização do sistema penitenciário, mas também na organização das escolas, dos colégios, dos hospitais, do exército, ou das montadoras. O controle da atividade implica o controle do tempo dos atores envolvidos, a elaboração gestual da ação que a decompõe em elementos sucessivos até que seja conseguida a mais completa correlação do corpo e do gesto a fim de se alcançar ao melhor rendimento. Uma preocupação de uso exaustivo esforça-se para não deixar de lado nenhum dos recursos físicos e morais do ator. O modelo do quadriculado, para que suscite utilidade e docilidade dos homens através do domínio da corporeidade, encontra no panotismo sua figura ideal e podendo, no limite, fazer economia da presença dos indivíduos encarregados de cuidar do bom andamento do dispositivo. "Aquele que está submetido ao campo de visibilidade e que sabe disso, escreve Foucault, retoma para si as imposições do poder; inscreve em si a relação de poder na qual mantém os dois papéis; torna-se príncipe da própria sujeição". O abandono da hipótese repressiva na *História da sexualidade* (1976) dá origem a numerosos debates. Mas Foucault continua a reflexão sobre o "poder sobre a vida" que, segundo ele, caracteriza as sociedades ocidentais contemporâneas na encruzilhada de uma "anatomopolítica do corpo humano" e de uma "biopolítica da população". Sua obra posterior marca, com *O uso dos prazeres* (1984) e *O cuidado de si* (1984), um desvio na direção do sujeito e da ética, através da ampla reflexão sobre as morais sexuais da Antiguidade. A obra de M. Foucault conhece numerosos seguidores, principalmente nas páginas da revista *Recherches*.

III - Classes sociais e relações com o corpo

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos 1960-1970. A reflexão sobre a determinação, em termos de classes sociais, das representações e das atitudes com relação ao corpo é marcada pela

comunicação física, históricas

sociologia de Pierre Bourdieu e principalmente pelo artigo de fundo de L. Boltanski sobre "Os usos sociais do corpo". "O corpo, escreve P. Bourdieu, é a objetivação menos irrefutável do gosto de classe". As conformações externas corporais seriam as representações de compleições físicas mais amplas envolvendo o conjunto das condutas próprias aos "agentes" de uma classe social. A compleição física é uma fórmula geradora de comportamentos e de representações ligados à posição de classe. "As regras, escreve L. Boltanski, que determinam as condutas físicas dos sujeitos sociais, e cujo sistema constitui sua "cultura somática", são o produto das condições objetivas retraduzidas na ordem cultural, quer dizer, na maneira do dever ser e, mais precisamente, são função do grau com que os indivíduos retiram os meios materiais de existência da atividade física, da venda das mercadorias que são o produto dessa atividade, ou do modo como usa a força física e de sua venda no mercado de trabalho"⁷³.

MUITO IMPORTANTE

Na mesma linha de sensibilidade de Pierre Bourdieu, ela própria herdeira do marxismo, L. Boltanski utiliza um certo número de indicadores (alimentares, médicos, relações com a dor, cuidados corporais e de beleza, etc.) e de enquetes sociais a fim de delimitar os "usos sociais do corpo" ou, mais que isso, as compleições físicas corporais próprias às diferentes classes sociais. Constata que as classes populares mantêm uma relação mais instrumental com o corpo. A doença, por exemplo, é ressentida como um entrave à atividade física, principalmente profissional. A queixa dirigida ao médico diz respeito, sobretudo, à "falta de força". A doença retira dos membros dessa camada social a possibilidade de fazer do corpo um uso (profissional, sobretudo) habitual e familiar. Dessa forma, não prestam nenhuma atenção especial ao corpo e o utilizam sobretudo como um "instrumento" ao qual demandam boa qualidade de funcionamento e de resistência. A valorização da força lhes confere a uma maior tolerância à dor, "eles não admitem, sobretudo, sentirem-se doentes". Certamente, nunca ter sido afastado por doença foi, durante muito tempo, motivo de orgulho e valor respeitado por inúmeros operários.

72 * Pierre Bourdieu. *La distinction - Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979, p. 210.
73 * Luc Boltanski. Les usages sociaux du corps. *Annales ESC*, n. 1, 1974, p. 22. Um comentário interessante desse estudo de L. Boltanski: Serge Clément. D'un usage sociologique du corps. *Cahiers du Centre de Recherches sociologiques*, n. 5, 1987.

Ao contrário, as enquetes dos anos 1960 evidenciam, para as classes sociais privilegiadas, uma relação mais atenta com o corpo. As classes mais privilegiadas têm tendência a estabelecer uma fronteira mais tênue entre saúde e doença e a adotar, com relação a esta última, uma atitude mais preventiva para evitar qualquer surpresa. "Na medida em que subimos na hierarquia social, que o nível de instrução cresce e que diminui correlativa e progressivamente a importância do trabalho manual em relação ao trabalho intelectual, o sistema de regras que rege a relação do indivíduo com o corpo é igualmente modificado. Quando a atividade profissional é essencialmente uma atividade intelectual que não exige nem força nem competência física particular, os sujeitos sociais tendem a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a tomar mais cuidado com as sensações orgânicas e à expressão dessas sensações e, em segundo lugar, a valorizar a 'graça', a 'beleza', a 'forma física' em detrimento da força física."

MUITO IMPORTANTE

Dez anos mais tarde, P. Bourdieu em *La distinction* (1979), um estudo sistemático sobre as práticas e gostos culturais, inscreve numa perspectiva mais ampla os dados analisados por L. Boltanski para os anos 1960: apresentação de si, cuidados de beleza, cuidados com o corpo, maneiras à mesa, consumo de alimentos, práticas físicas e esportivas, no tocante à corporeidade respondem, segundo P. Bourdieu, a compleições físicas de classe interiorizadas pelos agentes e incorporando-se aos comportamentos. No entanto, a lógica econômica que preside, no "estruturalismo crítico" de Bourdieu, a determinação social dos comportamentos não deixa espaço para a inovação ou para a imaginação dos atores. Ela os aprisiona na reprodução de compleições físicas e parece desconhecer os aspectos contemporâneos de uma sociedade onde o provisório é a única permanência e onde o imprevisível leva frequentemente vantagem sobre o provável. O problema que permanece é o da mudança, do homem não mais "agente", mas "ator" da existência social.

P. Bourdieu revela nas práticas físicas e esportivas a correlação entre as condições sociais de existência e o aspecto exterior associado como estrutura que alimenta os estilos de vida. Uma prática esportiva é tão mais valorizada socialmente à medida que encabeça uma certa visão do corpo, própria aos "agentes" da classe social, e é tão menos apreciada na medida em que se afasta dessa visão. "Seria fácil provar, escreve Bourdieu, que as diferentes classes não

concordam sobre as vantagens que podem tirar das práticas esportivas, sejam vantagens propriamente corporais, das quais não vem ao caso discutir a realidade ou a imaginação, já que são realmente esperadas, tais como os efeitos sobre o exterior do corpo como a esbelteza, a elegância ou a musculatura visível; sejam os efeitos sobre o interior do corpo como a saúde ou o equilíbrio físico..." Essas hipóteses foram retomadas por um conjunto de pesquisadores reunidos por C. Porciello e aplicadas sobre uma série de práticas esportivas⁷⁴. Resta fazer uma retomada desses estudos após as mudanças sociais que nossas sociedades ocidentais sofreram nos últimos vinte anos⁷⁵.

IV - Modernidades

No campo de manipulação de símbolos que caracteriza o consumo, Jean Baudrillard faz do corpo "o mais belo objeto" do investimento individual e social. Desde 1970, em *A sociedade de consumo*, deixa claro os limites e as ambigüidades da "libertação do corpo". "Sua redescoberta, escreve, após uma era milenar de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, sua inteira presença... na publicidade, na moda, na cultura de massa, ou no culto da higiene, da dietética, da terapêutica no qual ele é envolvido, a obsessão de juventude, de elegância, de virilidade/feminilidade, os cuidados, os regimes, as práticas de sacrifício a ele ligadas, o mito do prazer que o envolve - tudo testemunha hoje que o corpo tornou-se objeto de reverência"⁷⁶. A retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral do consumo. Um imperativo de prazer impõe ao ator, à revelia, práticas de consumo visando aumentar o hedonismo de acordo com um jogo de marcas distintivas. O corpo é promovido ao título de "significante de status social". Esse processo de valorização de si, através do uso de marcas distintivas e mais eficientes do ambiente imediato, depende de uma forma sutil de controle social. O cuidado de si mesmo, inerente a esses usos, revela uma versão paradoxal do narcisismo, "radicalmente distinto, diz Baudrillard, daquele do gato ou da criança na medida em que se

74 • Christian Porciello. *Sports et société*. Paris: Vigot, 1981.

75 • Para uma abordagem mais contemporânea: A. Loret. *Génération, glisse*. Paris: Autrement, 1995. D. Le Breton. *Passion du risque*. Paris: Métailié, 2000.

76 • Jean Baudrillard. *La société de consommation*. Paris: Gallimard, 1970, p. 200.

coloca sob o signo do valor. É um narcisismo dirigido e funcional da beleza a título da valorização e da troca dos símbolos"⁷⁷.

Dessa versão moderna do individualismo que é o narcisismo, Gilles Lipovetsky é um analista metuculoso, indo ao encontro de J. Baudrillard e dialogando com sociólogos americanos como Christopher Lasch e Richard Sennett. Indo além da "dessublimação repressiva" de Marcuse, nota por sua vez que "a personificação do corpo exige o imperativo de juventude, a luta contra a adversidade temporal, o combate para que nossa identidade conserve sem hiato nem pane..., simultaneamente... o narcisismo, cumpre uma missão de normalização do corpo. O interesse febril que dedicamos ao corpo não é de modo algum espontâneo e "livre", é a resposta a imperativos sociais tais como a "linha", a "forma", o "orgasmo", etc."⁷⁸

Após longo período de discrição, o corpo hoje se impõe como lugar de predileção do discurso social. Eliane Perrin analisou o entusiasmo pelas terapias corporais (bioenergia, grito primal, gestalt-terapia, expressão corporal, massagens com técnicas californianas, etc.) a partir do final dos anos 1960. Promoção de uma visão dualista do homem que o separa em espírito e corpo e propõe agir sobre o corpo para modificar o espírito. "O inconsciente é um dos pontos de dificuldade desse neonarcisismo, o eu tendo sempre de interromper a influência dos processos de incompreensão e recalque", observa com razão G. Vigarello, e continua: "Podemos compreender a nova importância do corpo no sonho de tornar finalmente visível o inconsciente fugitivo e inatingível... O desbloqueio articular é assimilado inadvertidamente ao desbloqueio psicológico"⁷⁹. Eliane Perrin encontra nos adeptos dessas práticas um perfil recorrente: "Podemos imaginar que os indivíduos menos "à vontade", os mais fisicamente "encurralados", "bloqueados", "reprimidos", tanto na expressão real como simbólica do corpo, são aqueles que as relações de trabalho expõem à agressividade mais direta, enquanto a profissão lhes proíbe manifestar, em troca, a menor agressividade... Essas categorias interiorizariam seu mal-es-

77 • *Ibid.* *L'échange symbolique et la mort*. Paris: Gallimard, 1976, p. 172.

78 • Gilles Lipovetsky. *L'ère du vide*. Paris: Gallimard, 1983, p. 69-70. Sobre o narcisismo, cf. R. Sennett. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Seuil, 1979 (trad. fr.). Christopher Lasch. *Le complexe de Narcisse*. Paris: Laifont, 1980 (trad. fr.).

79 • Georges Vigarello. *Les vertiges de l'intime*. *Espirit*, n. 2, 1982, p. 72.

IM PORTANTE

tar social em mal-estar físico”⁸¹. As profissões liberais, os quadros superiores e médios formam o essencial dos efetivos das terapias corporais. Essa população desempenha, sobretudo, uma função no campo da saúde, do trabalho social e da educação; ela está dividida entre a lei e a satisfação da clientela, entre os sentimentos e seus meios limitados, assume responsabilidades, mas sob a tutela da autoridade que a controla, etc. Através do clima de confiança que suscita, o espaço terapêutico suspende provisoriamente qualquer reticência; a expressão dos sentimentos é encorajada num contexto que, entretanto, mede suas conseqüências. As frustrações podem ser ditas, a raiva enfim cria corpo. Inscritos em um novo imaginário social (“liberação” do corpo, da sexualidade, dos sentimentos; contestação da família, do casal; cuidado de si, etc.), esses jogos e esses discursos loquazes que colocam o corpo em destaque, ilustram esse dispositivo social de controle que a intimidade do ator solicita, orientando suas condutas, mas deixando-lhe o sentimento de completa autonomia.

Outros trabalhos indicam, no mesmo contexto, a transformação do corpo numa espécie de íntimo companheiro de estrada do ator. O corpo torna-se parceiro daquele de quem se exige a melhor apresentação, as sensações mais originais, a boa resistência, a juventude eterna, a ostentação das marcas distintivas mais eficazes. Em tempos de crise do casal ou da família, de “multidão solitária” e de dispersão de referências, o corpo torna-se um espelho fraternal, um outro eu com quem coabitar. Torna-se o outro mais próximo. Retirando-se parcialmente das antigas solidariedades sociais, assumindo uma certa atomização de sua condição, o indivíduo é convidado a descobrir o corpo como forma disponível à ação ou à descoberta, um espaço cuja sedução é necessário manter e cujos limites vislumbrados é preciso explorar. O corpo é o lugar tenente do indivíduo, o parceiro. É precisamente a perda da “carne do mundo” que força o ator a se inclinar sobre o corpo para dar carne à existência.

Recria-se a sociabilidade ausente abrindo em si mesmo uma espécie de espaço de diálogo que assimila o corpo à possessão de um objeto familiar. Ao alcance das mãos, de certa forma, o indivíduo descobre através do corpo uma forma possível de transcendência

80 • Eliane Perrin. *Cultes du corps - Enquête sur les nouvelles pratiques corporelles*. Lausanne: Pierre-Marcel Favre, 1985, p. 124.

pessoal e de contato. O corpo não é mais uma máquina inerte, mas um *alter ego* de onde emanam sensação e sedução. Ele se transforma no lugar geométrico da reconquista de si, um território a ser explorado na procura de sensações inéditas a serem capturadas (terapias corporais, massagens, danças, etc.). É encontrado o parceiro compreensivo e o cúmplice que faltava ao nosso lado. O dualismo da modernidade não mais opõe a alma ao corpo, mais sutilmente opõe o homem ao corpo como se fosse um desdobramento. Destacado do homem, transformado em objeto a ser moldado, modificado, modulado conforme o gosto do dia, o corpo se equivale ao homem, no sentido em que, se modificando as aparências, o próprio homem é modificado. Nessa vertente da modernidade, o corpo é associado a um valor incontestável. Ele é psicologizado e torna-se um lugar alegremente habitável graças a esse suplemento de alma (suplemento de símbolo).

A preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem-estar que leva o ator a correr ou a se desgastar, a velar pela alimentação ou a saúde, em nada modifica, no entanto, a ocultação do corpo que reina na sociabilidade. A ocultação do corpo continua presente e encontra o melhor ponto de análise no destino dado aos velhos, aos moribundos, aos deficientes ou no medo que todos temos de envelhecer. Um dualismo personalizado de algum modo se amplia, é necessário não confundir-lo com “libertação”. A esse respeito, o homem só será “libertado” quando qualquer preocupação com o corpo tiver desaparecido⁸².

V - Risco e aventura

A aventura e os riscos que assumimos, o gosto pelo “extremo”, desenham uma constelação de novas práticas que visam expor fisicamente o corpo com grandes esforços e até mesmo perigo. P. Yonnet analisou, desde o início, a “cultura do enduro” que se traduz por provas extenuantes como maratonas, reides, caminhadas em terrenos planos ou íngremes, etc. Ele coloca em relação homológica essas práticas com “a abrangente crise, ao mesmo tempo econômica, energética e ideológica que abala o Ocidente”⁸². O gosto

81 • David Le Breton. *Anthropologie du corps et modernité*. Op. cit., caps. 6 a 8.

82 • Paul Yonnet. *Joggers et marathoniens. Jeux, modes et masses*. Paris: Gallimard, 1985, p. 121.

IMPORTANTE

Importante

pelo enduro passa hoje em dia por crescente desenvolvimento. Novas práticas, abertas para a aventura e a plena natureza, surgem no decorrer dos anos 1980 e apostam na estética do gesto, na procura da sensação, na relação durável e desgastante com o mundo, porém numa perspectiva lúdica. A esse sujeito, o gosto pelo *rafting* é revelador⁸³.

A paixão moderna pelas atividades de risco nasce da profusão dos sentidos que o mundo contemporâneo sufoca. A perda de legitimidade dos referenciais de sentido e de valores, sua equivalência geral numa sociedade onde tudo se torna provisório, desestabiliza o panorama social e cultural. A margem de autonomia do ator se amplia, mas traz consigo o medo ou o sentimento de vazio. Vivemos hoje numa sociedade problemática, sociedade em constante construção na qual o exercício da autonomia pessoal dispõe de amplitude considerável. Somos chamados a nos tornar empreendedores de nossas próprias vidas⁸⁴. O indivíduo tende cada vez mais a se auto-referenciar, a procurar em si o que antes procura no sistema social de sentidos e de valores no qual a existência se inscrevia. A procura de sentidos é fortemente individualizada. Cada ator só pode hoje em dia responder de maneira pessoal à questão da significação e do valor da existência. As respostas são mais pessoais, solicitam os recursos criativos do indivíduo. Daí a desilusão ressentida pelos atores quando confrontados às questões cujas respostas não estão presentes. A amplitude alargada das escolhas se paga paradoxalmente numa incerteza sem precedentes.

Na ausência de limites de significação que a sociedade não oferece mais, o indivíduo procura ao seu redor, fisicamente, os limites de fato. Experimenta nos obstáculos e na relação frontal com o mundo a oportunidade de encontrar os referenciais que são necessários para sustentar a identidade pessoal. O real tende a substituir o simbólico; os riscos assumidos adquirem uma importância sociológica considerável. Quando os limites dados pelo sistema de sentidos e valores perdem sua legitimidade, as explorações dos "extremos" ganham impulso: busca de performances, de proezas, de velocidade, de imediatismo, de frontalidade, aumento do risco, uso

⁸³ • Cf., por exemplo, A. Loret. *Génération glisse*. Paris: Autrement, 1995.

⁸⁴ • Alain Ehrenberg. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991. *L'individu incertain*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

exagerado dos recursos físicos. O contato bruto com o mundo através do uso das potencialidades físicas substitui o contato cauteloso que proporcionava o campo simbólico. Trata-se a partir daí de experimentar, às custas do corpo, a capacidade íntima de olhar a morte de frente sem fraquejar. Somente esse contato, mesmo que puramente metafórico, parece ter força suficiente para impulsionar, de maneira durável, uma relação com o mundo carregada de sentido, na qual o gosto pela vida se reconstitui. Quando a sociedade é incompetente em sua função antropológica de orientação da existência, resta interrogar a morte para saber se viver ainda tem sentido. Somente a morte solicitada simbolicamente, como se fosse um oráculo, pode expressar a legitimidade de existir. Ela é uma instância geradora de sentido e de valor quando a ordem social se esquivava desse papel⁸⁵.

VI - O corpo supranumerário

Mais difuso, por outro lado, outro imaginário do corpo enfatiza a precariedade da carne, a falta de resistência, a imperfeição na apreensão sensorial do mundo, o envelhecimento progressivo das funções e dos órgãos, a falta de confiabilidade de seus desempenhos e a morte sempre ameaçadora. Esse modelo, ao mesmo tempo em que parece fazer do corpo um membro supranumerário do homem, encoraja a dele se desfazer. Esse imaginário do descrédito censura o corpo pela pouca influência sobre o mundo. O ator volta-se então, com ressentimento, contra o corpo marcado pelo pecado original de não ser um puro objeto da criação tecnocientífica. Mesmo não sendo necessariamente explícito, embora muitas vezes o seja de modo mais ou menos consciente, esse imaginário é o motivo que anima muitas pesquisas técnicas e científicas e numerosas práticas cujo intuito é remediar as incertezas do orgânico pela adição de procedimentos técnicos, de métodos de gestão que fazem do corpo, supostamente e graças a seu auxílio, um objeto maleável e sólido, esperando que seja completamente desnecessário. O corpo é hoje freqüentemente percebido como um arcaísmo, a relíquia indigna de uma condição humana que entra na era da pós-humanidade.

⁸⁵ • David Le Breton. *Passion du risque*. Paris: Métailié, 1991 (4a ed. corrigida, 2000).

IMPORTANTE

IMPORTANTE

Importante

Importante

O homem é diferente da coisa, principalmente da máquina, quando a nomeia, quando a integra ao sistema de significações e de valores ou mesmo quando decide ver nela um valor superior ao próprio valor. O homem faz de sua criação a evidência de sua indignidade. Lógica absurda, mas que lembra que a condição do homem é tramada na dimensão simbólica e que pertence ao homem decretar que o homem é pouca coisa, e até mesmo nada, diante de outras instâncias cuja superioridade é confirmada. O mesmo ocorre com o corpo humano, rebaixado ao modelo da máquina, destituído do valor da encarnação, da presença do homem, visto como um objeto entre outros.

Hoje, assistimos à consideração com todas as letras da metáfora que leva a fazer do corpo humano um material disponível. Mas, através dos avanços tornados possíveis pela distinção ambígua do homem e do corpo, e pela assimilação mecânica do biológico, quanto mais o corpo perde o valor moral, mais cresce o valor técnico e mercadológico. O corpo e seus componentes transformam-se em matéria-prima preciosa e rara, visto que ainda submetida à cláusula de consciência e ao debate no campo social. A estrutura que compõe o corpo humano é dividida em peças materiais que, em sua maioria, fazem parte do registro da posse, são assimiladas a bens patrimoniais do indivíduo. Colocado em outro plano de valor, fazendo parte da lógica mercadológica ou quase, essas peças são objeto de comércio e tráfico para certos países (rins, testículos, sangue, etc.) ou de operações de retirada e transplantes, são isolados desse homem imponderável: aluguel de útero, procura de embriões congelados, manipulação genética, etc.

A humanidade torna-se noção à modulação variável. Uma ficção meio problemática define então o homem e supõe à sua volta, dando-lhe carne, uma série de órgãos e funções eventualmente destacáveis que fazem dele uma espécie de espectro cujos componentes podem ser retirados, entrando para o registro inédito do objeto biológico humano; em certas circunstâncias, suscetível de ser retirado inteiramente quando médicos solicitam fazer experimentos em homens em estado de "morte cerebral", ou quando a hora é chegada para alguns de deixar os corpos para o manipulador da medicina legal ou estudantes em anfiteatros. A corporeidade, que dá ao homem a carne de sua relação com o mundo, quebra em pedaços e se transforma num quebra-cabeça biológico constituído a partir de um modelo da mecânica humana na qual cada elemento é substituível por outro, eventualmente com melhor desem-

penho. O homem, fonte de sagrado na medida em que simboliza o mundo que o envolve, transforma a si mesmo em profano, cujos elementos pertencem a seu patrimônio, objetos suscetíveis de desmembramento ou de experimentações, na medida em que a noção de humanidade torna-se facultativa para vários órgãos ou funções.

O corpo é assim um membro supranumerário do homem⁸⁶, e parece que deve ser afastado do indivíduo cujo estatuto é cada vez mais indeciso. Mecanismo biológico sobre o qual reina um homem imaginário. Essa visão biomédica que isola o corpo e deixa o homem em suspensão, como se fosse uma hipótese secundária, sem dúvida descartável, é hoje confrontada à resistência social e à crítica ética generalizada: retiradas de órgãos ou transplantes, quebra do parentesco simbólico em favor da autoridade médica, experimentos com embriões humanos ou com células, objetivação da criança, diagnósticos pré-natais que tendem à eugenia e à fantasiosa supremacia absoluta sobre a vida, imaginação da radical manipulação genética do homem para condicionar a saúde, a forma, e até mesmo os comportamentos; sonhos do acoplamento do homem com a informática na forma de *cyborg*. Ou então, mais banal, a solidão dos moribundos, a obstinação terapêutica, o destino indeciso da morte cerebral, problema de eutanásia, etc. Sintomas que rodeiam a medicina confrontada muitas vezes à rejeição. O homem que ainda não havia abandonado totalmente esse corpo-objeto e que se faz ouvir. O dualismo metódico da medicina e da pesquisa biomédica é confrontado abertamente ao espectro que faz ranger a máquina, isto é, o indivíduo que reivindica a consubstancialidade ao corpo repentinamente promovido a mercadoria, o indivíduo que sabe que é de carne e de símbolo e não se reconhece bem nesse paradigma⁸⁷.



86 • Sobre os imaginários do ódio do corpo e as fantasias de suprimi-lo da condição humana, ver David Le Breton. *L'adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999.
87 • A esse respeito: Bernard Edelman & Marie-Angèle Hermitte. *L'homme, la nature et le droit*. Paris: Christian Bourgois, 1988. David Le Breton. *Anthropologie du corps set modernité*. Op. cit.

IMPORTANTE